SILVIA LAGNADO 42 anos

Engenheira civil, mora em Londres. É vice-presidente mundial da marca Dove, da Unilever

A globalização da economia, a partir da década passada, acelerou a migração de executivos brasileiros. "O Brasil tornou-se um grande exportador nessa área", afirma o headhunter Luiz Carlos Cabrera, da consultoria Panelli Motta Cabrera, de São Paulo, Uma empresa como a alemã Siemens, por exemplo, possui 150 brasileiros em suas unidades internacionais. Mas, quando a engenheira paulista Silvia Lagnado partiu com o marido para trabalhar na matriz da Unilever, em Londres, quase duas décadas atrás, esse movimento era novidade. Silvia havia sido trainee na área de marketing da companhia por apenas três anos e viu na mudança a oportunidade de fazer carreira mais rápido. Hoje ela é a principal executiva mundial da marca Dove, que abriga alguns dos principais produtos de higiene e beleza da Unilever. À frente de uma equipe de 150 pessoas, a maioria baseada nos Estados Unidos e em países da Europa, Silvia gasta 40% de seu tempo em viagens internacionais. Nos últimos meses, empenhou-se na implementação da "Campanha pela real beleza", sucesso de

DIVULGAÇÃO

marketing global de sua criação. Foi lá fora que sua carreira ganhou velocidade — apesar das dificuldades de adaptação no início. "Tinha complexo de inferioridade, achava que todo mundo era mais inteligente que eu", diz.

É PRECISO MAIS BRASILEIROS LÁ FORA

Por que o país está à margem da circulação de cérebros — o novo fenômeno da globalização

Marcelo Coppola e Nelson Blecher

NO INÍCIO DESTA DÉCADA HAVIA 1 MILHÃO de indianos com curso superior — entre eles, Ph.Ds. em grande número — vivendo em 30 países. A diáspora de cérebros engrossou a partir dos anos 70, quando classes inteiras de engenheiros e técnicos indianos seguiram para os Estados Unidos em busca de oportunidades de trabalho que não havia em seu país. Muitos deles se fixaram no Vale do Silício, na Califórnia, onde passaram a trabalhar em empresas da região ou se associaram a mais de 900 empreendimentos na área de tecnologia. O patrimônio somado desses profissionais foi estimado em 30 bilhões de dólares — cifra inalcancável caso tivessem permanecido na índia. "Fuga de cérebros é sempre melhor do que cérebros vazios", disse certa vez Rajiv Ghandi, ex-primeiro-ministro indiano. Estimulados pelo formidável salto de crescimento econômico experimentado, milhares desses cientistas, professores, matemáticos e executivos retornaram à índia nos últimos anos. Muitos foram atraídos pelos novos centros de tecnologia instalados em seu país por gigantes como Intel e GE. Outros, graças aos conhecimentos adquiridos nos Estados Unidos, abriram o próprio negócio numa economia em expansão. Essa massa de gente altamente qualificada faz parte de um movimento que vem sendo chamado de *brain circulation*, ou "circulação de cérebros". O termo foi cunhado por AnnaLee Saxenian, professora da Universidade Berkeley e estudiosa das migrações. A diáspora as avessas, segundo ela, converteu-se num ciclo virtuoso baseado no inestimável patrimônio de capital humano. Os matemáticos e físicos indianos que foram expostos ao choque de modernidade do Vale do Silício voltaram profissionais melhores. Com suas redes de contatos internacionais e experiência na gestão das empresas flexíveis moldadas no vale, fazem algo além de simplesmente transferir tecnologia e dinheiro a seu país de origem. Com capacidade de montar parcerias de negócios, esses emigrantes passaram a atuar também como mentores de empreendedores locais e até conselheiros do governo em questões decisivas para acelerar o crescimento do país. Movimento semelhante ocorreu na China. Dos 450 000 profissionais de ciência e tecnologia que haviam deixado o país desde meados dos anos 70, cerca de 150 000 já retomaram, atraídos por 200 programas montados pelo governo chinês com essa finalidade. Cerca de 80% dos membros da Academia de Ciências e 54% da Academia de Engenheiros trabalharam no exterior. A China conta hoje com mais de 800 000 pesquisadores, número superior ao do Japão e ao de qualquer país da União Européia.

Embora em menor proporção, o Brasil confronta-se hoje com o mesmo tipo de diáspora de cérebros que índia e China enfrentaram no pas-

sado. Entre os integrantes da nata de talentos nacionais que deixaram o país figuram o neurocientista paulista Miguel Nicolelis, eleito pela revista ***Scientific American*** um dos 50 líderes mundiais da ciência, o carioca José Alexandre Scheinkman. que se tornou o economista brasileiro de maior projeção internacional, e a astrônoma paulista Duilia de Mello, que estuda galáxias distantes do universo na Nasa, agência espacial americana. Todos partiram motivados invariavelmente por uma razão: o Brasil ficou pequeno para suas aspirações de crescimento profissional. A diferença em relação aos indianos e chineses é" que esses brasileiros, que se tor-. naram referência em seus campos de atividade, não têm planos de voltar tão cedo para o país. Um dos grandes desafios do Brasil não é evitar que as melhores cabeças emigrem em busca de aperfeiçoamento e oportunidades de crescimento. Ao contrário, isso deveria ser estimulado. (Hoje, há apenas 2 400 brasileiros fazendo' cursos de mestrado e doutorado no exterior com bolsas da Capes, agência federal que mais apoia pesquisas desse tipo.)

O grande desafio brasileiro consiste em criar condições para trazer de volta quem partiu em busca de melhores oportunidades de carreira e usar a experiência para gerar crescimento econômico. "A índia enviou milhares de estudantes para fazer doutorado nos Estados Unidos e, ainda que muitos tenham ficado por lá, os que voltaram transformaram o país numa potência em algumas áreas de tecnologia de ponta", diz o sociólogo Gláucio Ary Dillon Soares, professor aposentado da Universidade da Flórida e pesquisador do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (luperj). Um recente estudo da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) aponta o surgimento de um mercado global de talentos, formado por cientistas, técnicos e pesquisadores. Por décadas, os países desenvolvidos monopolizaram as melhores cabeças em suas instituições, Mas, no futuro, segundo a OCDE. haverá um exército global de Ph.Ds. pronto para ser mobilizado onde haja condições mais atrativas. "A movimentação de profissionais altamente preparados ajudará a difundir as melhores práticas mundo afora", afirma o relatório da organização. Contar com universidades de classe mundial será um pres-

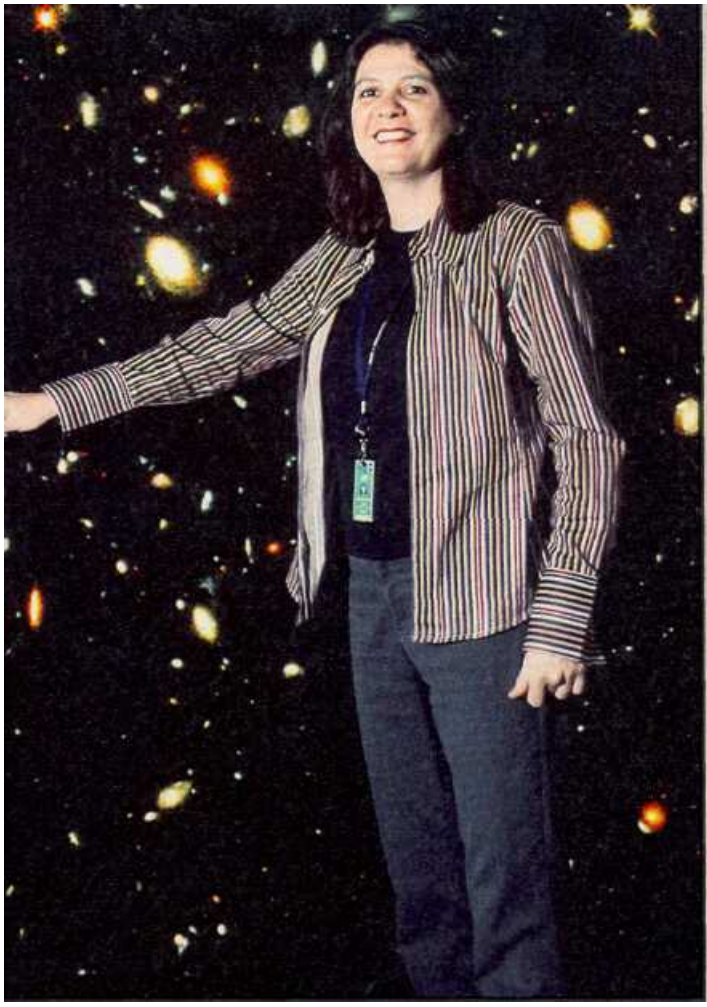
DUILIA DE MELLO

42 anos

Astrônoma da Nasa especializada em galáxias distantes

A paulista Duilia de Mello trabalha hoje na Nasa, onde estuda as galáxias mais distantes do universo, por não ter tido, quase uma década atrás, apoio oficial no Brasil. No início de 1997, ela vivia um bom momento profissional. Graças às observações feitas num telescópio no Chile, havia descoberto uma supernova — explosão de estrela em seu período final de vida. De volta ao Rio, onde trabalhava no Observatório Nacional, foi assediada pela mídia, interessada em detalhes sobre seu achado, importante por se tratar de um tipo raro de supernova, o que faz com que o fenômeno seja citado até hoje por especialistas. A astrônoma desenvolvia suas pesquisas com uma bolsa de incentivo ao jovem cientista dada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Cientifico e Tecnológico (CNPq), "Foi uma época muito boa. Recebia um dinheiro que me permitia levar uma vida confortável", diz. A alegria durou pouco. Em seguida, o CNPq anunciou que reduziria o valor das bolsas pela metade. "Fiquei muito decepcionada", afirma. "Acabava de retornar animada ao meu país. Me senti traída", diz. O bom currículo a ajudou. Após alguns contatos internacionais, foi contratada pelo Instituto do Telescópio Espacial Hubble. Ali começou a trabalhar com as imagens do telescópio que, em sua órbita a 569 quilômetros de altitude da Terra, revolucionou a observação do universo. Três anos depois, casada com um astrônomo sueco, Duilia foi para o observatório de Onsala, na Suécia. Em 2003, o casal voltou aos Estados Unidos, ela como pesquisadora do Goddard Space Flight Center, um dos principais centros da Nasa, e ele no instituto do Hubble. Duilia não pensa em voltar para o Brasil, apesar de avaliar que as condições de pesquisa melhoraram no país nos últimos anos. "Estou feliz com minha carreira. Levo uma vida de classe média, sem luxos, mas faço o que gosto em um centro de pesquisas importante", diz.

CACALOS GARRASTAZU / VALOR / FOLHA IMAGEM



DIVULGAÇÃO

OSCAR CABRAL

« JOSÉ ALEXANDRE SCHEINKMAN

57 anos

Economista, mora em Nova York, É professor da Universidade Princeton

O carioca José Alexandre Scheinkman encontrou nos Estados Unidos condições ideais para se dedicar à pesquisa. Começou a lecionar na Universidade de Chicago com apenas 25 anos, "Eu era bem mais jovem do que meus colegas e mais novo do que a maioria de meus alunos de pós-graduação", diz. Uma das coisas que o impressionaram foi a existência de um ambiente com gosto pela pesquisa, muito diferente da rotina que existia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na qual se graduou. "Na UFRJ pouquíssimos professores faziam pesquisa", diz. "E os estudos que existiam eram ruins." Aos 30 anos, Scheinkman recebeu uma cátedra vitalícia. Entre 1995 e 1998, chefiou o departamento de economia. Em 1999, com planos de morar em Nova York, aceitou convite de Princeton e trocou de emprego. Por apenas um curto período nessa trajetória voltou ao Brasil. No segundo semestre de 1978 e até o final de 1979 deu aulas no Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (Impa), onde havia feito mestrado, e na Faculdade Getulio Vargas. Retomou a Chicago estimulado pelo salário e pela vontade de se dedicar mais às pesquisas.

ALEXANDRE KALACHE

60 anos

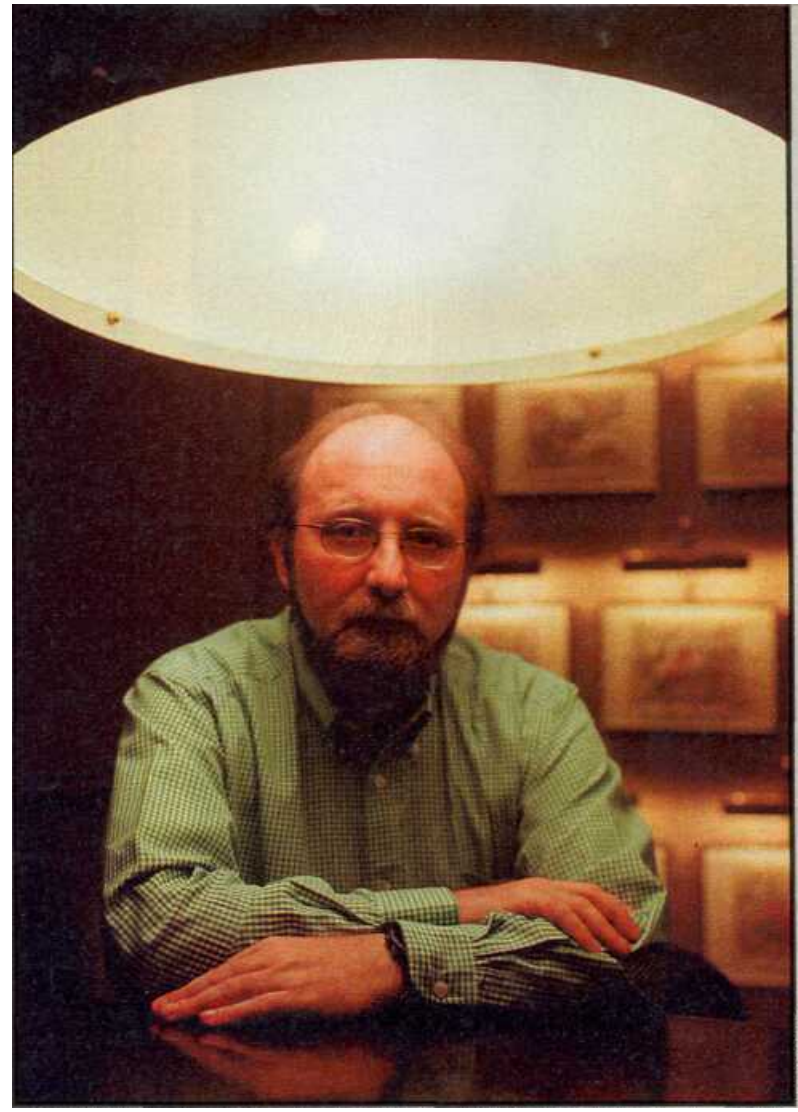
Médico gerontologista, mora em Thoity, na França. Coordena o Programa de Envelhecimento da OMS

Em 1994, a Organização Mundial da Saúde decidiu criar um programa de saúde para os idosos. O carioca Alexandre Kalache superou outros 300 candidatos e foi nomeado para a coordenação do projeto. "A escolha de meu nome era meio natural", diz. Na época professor da Escola de Saúde Pública da Universidade de Londres, Kalache já era reconhecido corno a principal autoridade em políticas para a terceira idade, tema que estudava desde o mestrado na mesma universidade e sobre o qual havia feito uma série de projetos com a OMS. Teve até condição de exigir, na entrevista de emprego, a mudança do nome do projeto.

O programa deixou de se referir a idosos, termo sobre o qual ainda recai muito preconceito, e foi batizado de Programa de Envelhecimento e Curso de Vida. Desde a época da faculdade, Kalache se interessou pelos aspectos sociais da medicina. "Resolvi continuar os estudos fora do país, na Europa", afirma. "Na época, o Brasil não tinha clima político nem condições favoráveis para pesquisas nessas áreas."

suposto para enfrentai- essa concorrência. "E preciso oferecer boas condições de pesquisa, laboratórios adequados e salários competitivos", afirma o economista Scheinkman. "Taiwan e China fizeram isso e conseguiram recuperar talentos que tinham mandado para o exterior." As universidades americanas ainda hoje são as que mais recebem estrangeiros. As melhores cabeças da academia são disputadas ferozmente pelas principais instituições de ensino, o que faz com que negociem salários e condições de trabalho. Na tentativa de garantir que, no futuro, pesquisadores que atuam em sua especialidade encontrem campo de trabalho ao retornar ao Brasil, o neurocientista Nicolelis está à frente de um instituto que será erguido nas proximidades de Natal, no Rio Grande do Norte. O objetivo é transformá-lo num centro de pesquisa que seja referência mundial e pólo industrial de produção de tecnologias para o cérebro. "Esse projeto inaugura a possibilidade de segurar profissionais e trazer divisas para o país", afirma. "Ao contrário de índia e China, o Brasil ainda não acordou para a realidade de que ciência é um grande negócio."

Tão importante quanto preparar instituições como essa é promover o crescimento, o antídoto mais eficaz contra a evasão de cérebros. "É fundamental para absorver a mão-de-obra altamente qualificada", afirma a antropóloga Lívia Barbosa, da Universidade Federal Fluminense. "Enquanto isso não ocorrer, os doutores brasileiros que retornarem para o país terão sua capacidade técnica e intelectual subaproveitada." Basta ver o exemplo da índia, com sua vigorosa expansão média do produto interno bruto (PIB) de *7%* ao ano e empregos que decuplicaram de uma década para cá nas áreas de tecnologia. Segundo projeções da consultoria McKinsey, em 2008 o faturamento de setores de informática somará 57 bilhões de dólares e empregará 4 milhões de pessoas. Exemplos como os da índia e da China mostram como converter a migração de cérebros, conhecida internacionalmente como *brain drain,* em circulação de cérebros. Os casos que ilustram esta reportagem mostram que o Brasil só começou a fazer a primeira parte do movimento. Fazer com que os melhores talentos — nos negócios e nas ciências — conheçam novas realidades e, depois, retornem para o país é o grande desafio. •



MIGUEL NICOLELIS 44 anos

Neurocientista, mora em Durham, na Carolina do Norte. Dirige o laboratório de neurociêndas da Duke Universíty

O paulistano Miguel Nicolelis é uma estrela entre os estudiosos do cérebro, com pesquisas publicadas nas principais revistas científicas do mundo. É muito provável que sua importância aumente ainda mais em três anos. Nicolelis marcou para 2008 a realização de uma cirurgia que, se der certo, possibilitará pela primeira vez a um ser humano movimentar um braço mecânico por meio de sinais cerebrais. A operação vai ocorrer no Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo. No início da década, ele conseguiu a façanha em macacos, experiência que o lançou ao estrelato. O sucesso atual decorre da decisão que tomou no tempo de seu doutorado na USP — onde se graduou em medicina —, de se mudar para o exterior. "A formação e a tecnologia necessárias para minhas pesquisas exigiam a transferência", diz. Por essa razão, em 1988 foi fazer pós-doutorado na Universidade Hahnemann, na Filadélfia. A repercussão de seus primeiros trabalhos atraiu a atenção do departamento de neurociências da Duke, que o convidou a fazer uma palestra. "Não sabia que na verdade era uma entrevista de emprego. No final do dia, recebi a proposta", diz. Hoje, Nicolelis divide sua atenção entre as pesquisas na Duke e o Instituto Internacional de Neurociências, que está sendo construído em Macaíba, no Rio Grande do Norte. "Queremos criar 12 institutos como esse no país, cada um em uma área científica", afirma.

Fonte: Exame, ano 40, n. 12, p. 104-108, 21 jun. 2006.